Práticas e Cuidado:
Revista de Saúde Coletiva
ISSN: 2675-7591

ARTIGO (Fluxo contínuo)

A CONTRIBUIÇÃO DO BRINCAR NA ASSISTÊNCIA À CRIANÇA HOSPITALIZADA: PERCEPÇÕES DA ENFERMEIRA

THE CONTRIBUTION OF PLAYING IN CARE FOR HOSPITALIZED CHILDREN: NURSES' PERCEPTIONS

Bianca Souto Teixeira [1]
Cristina Campos dos Santos [2]

Manuscrito recebido em: 24 de maio de 2023.
Aprovado em: 30 de setembro de 2024.
Publicado em: 27 de junho de 2025.

Resumo

Introdução: Ao ser hospitalizado, o paciente pediátrico é inserido em um ambiente desconhecido e afastado do convívio social e familiar. Assim, a internação significa uma agressão ao mundo lúdico da criança expressa por sentimentos como medo, irritação e tristeza. Entretanto, brincar dentro do hospital representa um resgate da condição de criança; é uma necessidade da infância e exerce papel terapêutico. **Objetivo:** Analisar a contribuição do brincar na assistência à criança em hospital público de Salvador, BA. **Método:** Estudo de campo exploratório, descritivo, de abordagem qualitativa, realizado a partir de uma entrevista semiestruturada com seis enfermeiras da enfermaria pediátrica de um hospital público de Salvador, BA. **Resultados:** Identifica-se que o brincar no hospital acontece principalmente na brinquedoteca e no leito do paciente. Esse brincar pode ocorrer de forma livre ou estruturada por meio do brinquedo terapêutico, proporcionando ao menor uma experiência menos traumática e contribuindo para o seu tratamento e recuperação. Embora as enfermeiras percebam os benefícios do brincar, a participação dessas profissionais na brincadeira junto à criança ainda é muito limitada, enfrentando desafios para exercer o brincar durante a assistência, como a falta de tempo e de recursos adequados para essa atividade. **Conclusão:** O estudo demonstra a necessidade de uma melhor compreensão da temática pelas enfermeiras atuantes na pediatria e da institucionalização da utilização do brinquedo terapêutico. Assim, a enfermeira pode prestar assistência à criança de forma lúdica e humanizada, contribuindo, através do brincar, para o cuidado à criança, o enfrentamento do tratamento pelo paciente pediátrico e sua recuperação.

Palavras-chave: Saúde da Criança; Assistência de Enfermagem; Criança; Jogos e Brinquedos; Criança Hospitalizada.

Abstract

Introduction: Upon being hospitalized, the pediatric patient is placed in an unknown environment and away from social and family life. Thus, hospitalization means an aggression to the child's ludic world expressed by feelings such as fear, irritation and sadness. However, playing inside the hospital represents a rescue of the child's condition; it is a childhood need and plays a therapeutic role. **Objective:** To analyze the contribution of playing in child care at a public hospital in Salvador, BA. **Method:** Exploratory, descriptive field study with a qualitative approach, based on a semi-structured interview with six nurses from the pediatric ward of a

[1] Graduada em Enfermagem pela Universidade do Estado da Bahia.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5930-4514 E-mail: biasteixeira96@gmail.com
[2] Mestra em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia. Professora na Universidade do Estado da Bahia.
ORCID: https://orcid.org/0009-0000-3563-604X E-mail: ccsantos@uneb.br

Práticas e Cuidado:
Revista de Saúde Coletiva
ISSN: 2675-7591

ARTIGO (Fluxo contínuo)

public hospital in Salvador, BA. **Results:** It is identified that playing in the hospital happens mainly in the toy library and in the patient's bed. This play can occur freely or structured through therapeutic play, providing the child with a less traumatic experience and contributing to their treatment and recovery. Although nurses perceive the benefits of playing, these professionals' participation in playing with children is still very limited, facing challenges in playing during care, such as lack of time and adequate resources for this activity. **Conclusion:** The study demonstrates the need for a better understanding of the theme by nurses working in pediatrics and the institutionalization of the use of therapeutic toys. Thus, the nurse can provide assistance to the child in a playful and humanized way, contributing, through playing, to the care of the child, the coping with the treatment by the pediatric patient and his recovery.

Keywords: Child Health; Nursing Assistance; Child; Games and Toys; Hospitalized Child.

INTRODUÇÃO

A hospitalização pode exercer influência no desenvolvimento infantil, pois existe um efeito do contexto ambiental no qual o menor está inserido sobre o seu desenvolvimento [1], de modo que a internação hospitalar traz para a criança novas necessidades psicológicas, físicas e afetivas. Ao passar por tal situação, o paciente pediátrico experimenta uma ruptura da sua rotina, sendo afastado do convívio social e familiar, tem a escolarização interrompida e está a todo o momento cercado de pessoas desconhecidas e em um ambiente desconhecido[2]. Dessa forma, Hockenberry e Wilson [3] consideram o adoecimento e a hospitalização como uma das primeiras crises comumente enfrentadas pela criança.

O estresse causado pelo ambiente hospitalar pode impactar diretamente no estado psicológico do paciente pediátrico, uma vez que, este precisa enfrentar situações como o medo da dor, a angústia da separação e restrições para o brincar [4]. Segundo Carvalho e Begnis [1], esses aspectos refletem na criança diversas disfunções e transtornos, como redução no ritmo do desenvolvimento, desordens do sono e da alimentação, dependência excessiva, agressividade e negativismo, os quais podem influenciar no tratamento e na recuperação do menor.

Dessa forma, o momento da internação se configura em uma agressão ao mundo lúdico da criança. Entretanto, o brincar, além de ser uma necessidade da infância, pode proporcionar o resgate e manutenção da condição de criança no ambiente hospitalar, se configurando em um espaço que proporciona escolhas e a livre expressão do menor, de modo a assegurar uma assistência integral e humanizada centrada na autonomia da criança [5]. Para Castro et al. [6], o brincar é

autocurativo, terapêutico e pode ser considerado como um sinal de saúde. Os autores afirmam que as atividades lúdicas no ambiente hospitalar além de promoverem a melhora do humor, favorecem a distração, reduzem a ansiedade, melhoram o apetite e aumentam a adesão ao tratamento. Tais fatores proporcionam uma modificação fisiológica que favorece o aumento da imunidade da criança e, consequentemente, resultam em uma melhora do seu estado geral [6].

Nesse contexto, compreendem-se dois momentos principais em que a criança brinca no ambiente hospitalar: (1) O livre brincar na brinquedoteca hospitalar e (2) O brincar por meio do brinquedo terapêutico. Conforme Monteiro e Corrêa [7], a brinquedoteca hospitalar, estabelecida pela Lei nº 11.104/05 [8], se constitui em um espaço para a promoção do hospital como um ambiente humanizado, que considere não apenas a questão biológica do adoecimento, mas também entenda a criança como um ser biopsicossocial, possibilitando melhores condições de permanência e recuperação para ela. O brinquedo terapêutico, por sua vez, preconizado pela resolução do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) nº 546/2017 [9], constitui-se em uma técnica e uma modalidade de assistência de enfermagem efetiva e indireta à criança, que tem como principais funções ajudar o paciente pediátrico a lidar com suas dificuldades, fornecer um meio de realização dos procedimentos terapêuticos, reduzir o estresse da separação vivenciada pelo menor e auxiliar a enfermeira na compreensão das necessidades e dos sentimentos da criança [4].

Assim, o brincar pode contribuir positivamente no tratamento, assistência e recuperação da criança em internação hospitalar, uma vez que essa atividade também representa uma intervenção diagnóstica e terapêutica [10]. Nessa perspectiva, o estudo tem como objetivo analisar a contribuição do brincar na assistência à criança em hospital público de Salvador, BA na percepção da enfermeira, a partir da questão de pesquisa: “Como o brincar contribui na assistência à criança hospitalizada na percepção da enfermeira?”.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo de campo, exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa, realizado na enfermaria pediátrica de um hospital geral público do município de Salvador, Bahia. Os sujeitos do estudo foram 06 enfermeiras atuantes

na unidade de internação hospitalar pediátrica, sendo 03 enfermeiras assistenciais, 02 enfermeiras de referência e 01 coordenadora de enfermagem da unidade de pediatria, selecionadas sob os critérios de inclusão: profissionais que concordaram em participar da pesquisa, e que trabalhassem na unidade de pediatria; e sob os critérios de exclusão: Enfermeiras (os) que estavam de férias ou licença médica durante o período de coleta de dados. Todas as participantes do estudo eram mulheres e, para garantia do anonimato das entrevistadas, estas foram identificadas com nomes de brinquedos: Boneca, Bola, Pipa, Barbie, Carrinho e Patinete.

A coleta de dados ocorreu no período de agosto de 2020 a fevereiro de 2021, conforme a disponibilidade das participantes do estudo e da pesquisadora, de forma individualizada, em sala reservada, dados coletados pelas pesquisadoras, sendo uma mestre em enfermagem e outra graduanda em enfermagem, através de uma entrevista semiestruturada, a fim de se obter as impressões e os relatos das participantes acerca do brincar no cotidiano da criança hospitalizada. A entrevista semiestruturada foi composta pelas questões: 1) Como ocorre o brincar dentro do hospital? Descreva. 2) Você participa do brincar junto a criança? Em quais momentos da assistência? Descreva. 3) Quais as atividades que são desenvolvidas na unidade utilizando o brinquedo terapêutico? 4) Descreva como é realizado o processo de brinquedoterapia na unidade. 5) Você considera o momento da criança na brinquedoteca como parte importante do seu tratamento terapêutico? 6) Você percebe relação entre o brincar da criança hospitalizada e a sua recuperação? Descreva. 7) Você considera relevante a participação da enfermeira na brincadeira com a criança? Por quê? 8) Você acredita que o uso do brinquedo e o brincar influenciam o cuidado de enfermagem prestado à criança? De que forma? 9) Você percebe benefícios do brincar para o tratamento e a recuperação da criança hospitalizada? 10) Quais são as dificuldades encontradas no brincar dentro do hospital? E as facilidades?

Ressalta-se ainda que foi solicitada autorização para gravação da entrevista e assegurada a privacidade e confidencialidade às participantes. No que se refere à análise dos dados, esta foi realizada conforme a análise de conteúdo na modalidade temática proposta por Bardin [11], desenvolvida em três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados (inferência e interpretação).

O estudo foi cadastrado na Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) sob o número CAAE 35039520.3.0000.0057. Além disso, o estudo levou em consideração os aspectos

éticos contidos na Resolução nº 466/2012, que trata das diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, sendo garantido o anonimato dos participantes da pesquisa, os quais formalizaram a sua participação por meio do conhecimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi disposto em linguagem clara e acessível, explicitando o objetivo do estudo, a garantia do anonimato bem como a possibilidade de desistência em participar durante qualquer etapa do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise de conteúdo temática das entrevistas realizadas e do referencial teórico utilizado, emergiram três categorias para a discussão, elencadas a seguir: A importância do brincar para a criança hospitalizada e sua recuperação; O brincar e o brinquedo terapêutico como ferramentas da assistência de enfermagem; Desafios do brincar para a enfermeira na assistência à criança hospitalizada.

- A importância do brincar para a criança hospitalizada e sua recuperação

O brincar é importante em todas as fases da vida de uma criança, auxiliando-a no desenvolvimento de habilidades, na expressão de suas emoções e no enfrentamento de situações difíceis como a hospitalização [3]. Dessa forma, o brincar é considerado um direito do menor e deve ser assegurado mesmo quando este estiver hospitalizado, sendo esta uma atividade de grande relevância para a criança que se encontra internada e traz reflexos no seu processo de recuperação [14]. Para garantir esse direito, muitos hospitais têm implantado brinquedotecas nas unidades pediátricas e os profissionais que atuam diretamente com a criança buscam alternativas de inserir o brincar durante a assistência. Pode-se verificar a reprodução dessa realidade nos relatos a seguir:

> A brinquedoteca funciona de segunda a sexta, não tava funcionando finais de semana até por conta de… pessoal né. Então ela tava funcionando de segunda a sexta, e aí essas terapeutas ocupacionais, além das terapeutas ocupacionais, tinha o pessoal das voluntárias sociais que também têm um papel importantíssimo nessa... nesse brincar dessas crianças. [...] você vê que a sala dividida assim em quatro porque às vezes tem faixa etária

> diferente, então são atividades diferentes né, que são feitas, seja na pintura, seja nos jogos de... pros menores né, de blocos dessas construções, então é muita gente envolvida nisso aí, porque são muitas crianças. (Boneca)
>
> Aqui tem uma equipe de Terapia Ocupacional que em alguns dias, alguns dias da semana né, elas passam de leito em leito, oferecendo é… terapias, brinquedos, com as crianças, e também tem uma brinquedoteca, que por conta da né, desde que começou a pandemia tá fechada, então uma vez ou outra acontece assim. (Patinete)
>
> Ocorre com interação com o paciente, brincadeirinha simples mesmo a beira do leito, se a criança tá com algum brinquedinho a gente tenta interagir com ele, ocorre mais mesmo dessa forma. (Bola)

Para Kudo, Zimmerman e Yamamoto [12], o contexto de hospitalização pode prejudicar o brincar da criança. Assim, a inserção da brincadeira na rotina das unidades pediátricas é indispensável, podendo ocorrer tanto dentro do ambiente da brinquedoteca como no leito do paciente. Segundo Melo e Valle [13], a continuidade do brincar para a criança acometida por uma doença é essencial à garantia do seu equilíbrio emocional. Além disso, as autoras também afirmam que:

> o brincar no hospital passou a ser considerado importante em decorrência do aumento da sobrevida de crianças portadoras de doenças crônicas que ficam hospitalizadas por longos períodos, por ser possível que isso aconteça no próprio leito da criança ou na brinquedoteca hospitalar.[13:57-58]

O Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), em sua resolução 41, de 13 de Outubro de 1995 [14], estabelece a possibilidade de desfrutar, de alguma forma, de recreação como um dos direitos da criança e do adolescente hospitalizado. A brinquedoteca hospitalar, por sua vez, como meio de garantir esse direito, foi estabelecida através da Lei nº 11.104/05, a qual determina que todo hospital que ofereça atendimento pediátrico em regime de internação deve contar com brinquedoteca em suas instalações, sendo este um local que contenha brinquedos e jogos educativos que visam estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar [8].

Nesse contexto, o estudo revelou que a brincadeira no hospital se divide em dois momentos: o brincar na brinquedoteca e o brincar durante a assistência. No que se refere ao momento na brinquedoteca, este é conduzido pelas terapeutas ocupacionais e, em ocasiões específicas, há também a participação da equipe multiprofissional e de voluntários. Com relação à assistência, as enfermeiras entrevistadas, em sua maioria, relataram que tentam envolver a criança em alguma brincadeira ou distração na realização de procedimentos ou durante a visita de enfermagem, porém não se trata de um brincar planejado:

Práticas e Cuidado:
Revista de Saúde Coletiva
ISSN: 2675-7591

ARTIGO (Fluxo contínuo)

> Eu brinco muito com a criança no momento assim, às vezes de fazer um curativo, né, tem o carimbo, às vezes o álcool em gel pra poder distrair a criança brincando, são os momentos que a gente tem, agora brincar assim, passar o tempo brincando, é o pessoal mais da TO. (Patinete)

> [...] e nas próprias unidades às vezes, não a equipe em si de enfermagem que é, a assistência é mais… é mais corrida, né, mas fisioterapeutas sempre levam um brinquedinho é…. a gente quando tem tempo, sempre tem um técnico que leva uma bolinha pra animar mais eles, mas a rotina mesma é nessa brinquedoteca. (Pipa)

> Às vezes a criança tava com um bonequinho e ia precisar passar uma sonda, a gente demonstrava, tentava mostrar o curativo, tanto é que várias crianças pedem a gente é...curativos pra colocar nas bonecas como se fosse os delas, imitando os delas. Então a forma da gente brincar é 'não titia, pega aqui a bonequinha que a gente vai fazer isso e isso', pra ver se ela se sente mais segura também. (Bola)

Dessa forma, além do momento na brinquedoteca, o brincar também pode estar inserido na assistência e deve contar com a participação de toda a equipe envolvida no cuidado à criança, inclusive a enfermagem. Para isso, é essencial a compreensão da equipe acerca do brincar como uma necessidade básica da criança e que a assistência deve estar comprometida com a satisfação das necessidades da criança e não apenas com sua doença [15].

Para Melo e Valle [13], a criança pode encontrar na brinquedoteca o espaço ideal para manifestar suas emoções decorrentes da hospitalização, além desse ser também um local dentro do hospital que pode ajudá-la em seu desenvolvimento, uma vez que o brincar não se constitui apenas em uma atividade para distração, mas tem relação com o desenvolvimento, aprendizado e a expressão das emoções. Além disso, no contexto da hospitalização, o brincar pode se configurar em um momento de alívio da tensão devido ao adoecimento e ao estresse causado pelo internamento e pelos diversos procedimentos aos quais o paciente é submetido. Os relatos abaixo corroboram com essas afirmações:

> eu acho que o brincar faz parte da criança, então independente de onde ele esteja ele tem que acontecer. Por que? Porque eu acredito que brincar, ele faz parte do desenvolvimento, então não é porque a criança está hospitalizada que ela tem que ser tolhida desse brincar, porque o desenvolvimento dela vai continuar, né. (Boneca)

> Então, você pensa uma criança dessa, com toda energia, presa num hospital, em cima de uma cama, com soro, então é… é complicado. E aí esse momento que eles têm da brinquedoteca é o momento de mais felicidade que eles têm. (Bola)

> Mas é muito importante para a criança brincar, até quando você veste uma fantasia, coloca um chapéu, a criança já se distrai né... tira um peso um pouco da hospitalização. (Barbie)

Práticas e Cuidado:
Revista de Saúde Coletiva
ISSN: 2675-7591

ARTIGO (Fluxo contínuo)

Percebe-se que a hospitalização para a criança pode significar uma ruptura em sua infância, tornando-se uma experiência traumatizante, causadora de estresse, irritação, frustração e tristeza. Todavia, para Bernardi [16], a criança tem a oportunidade de reproduzir, modificar e elaborar uma experiência traumática por meio da brincadeira, de modo que ela pode substituir um sentimento desagradável pelo prazer gerado no brincar. Desse modo, o brincar, dentro do hospital, pode ser estabelecido como uma ferramenta de alívio e conforto capaz de tornar o processo da hospitalização menos angustiante, proporcionando ao menor a possibilidade de continuar sendo criança mesmo nesse contexto, como confirmam os relatos abaixo:

> acho importantíssimo o brincar da criança porque ela é tirada da sua casa, tirada do seu ambiente, né, onde ela pode brincar, onde ela tem várias possibilidades e vem para um ambiente totalmente é… eu diria até hostil, porque não pode várias coisas, têm várias restrições porque tá no coletivo. (Boneca)

> Tem crianças que ficam aí 6 meses que não tem…. se não tivesse isso, meu Deus! E as próprias visitas dos grupos, né. Elas ficam…. outro ânimo, quando vê as visitas, teatrinho, a gente tinha teatro aqui, tudo, e elas ficam… ave Maria, maravilhados em tudo que vê. (Pipa)

> Então eu acho muito importante essa questão do… da hora do brincar com a criança hospitalizada, porque traz pra ela também um conforto né. E foge um pouquinho essa questão só da hosp...do processo da hospitalização, do processo da doença, então eu acho importante. (Carrinho)

Nessa perspectiva, Kudo, Zimmerman e Yamamoto [12] defendem que dentro de toda criança há um potencial lúdico que deve ser explorado mesmo quando ela está em processo de adoecimento. Assim, as autoras discutem ainda que proporcionar atividades lúdicas, brincadeiras e lazer no hospital confere à criança possibilidade de escolha, autonomia e segurança. Da mesma forma, Nunes et al. [17] concluem que o brincar e a brinquedoteca são essenciais no processo de hospitalização infantil, uma vez que, além de possibilitar a continuidade do desenvolvimento, exerce influência positiva no comportamento da criança, reduz seu estresse e melhora as suas relações no contexto hospitalar.

Outro aspecto importante é que durante o internamento a criança pode apresentar-se mais deprimida, de modo que a brincadeira proporciona alegria e melhora do seu humor, que repercutem no tratamento e em sua recuperação como pode ser verificado na fala das enfermeiras:

Práticas e Cuidado:
Revista de Saúde Coletiva
ISSN: 2675-7591

> então eu acho que esse momento do brincar inclusive é até para é… diminuir esse estresse todo que o internamento causa na criança. Se não fosse isso eu acho que seria muito pior, muito mais tempo de internamento. (Boneca)
>
> Então, se não tivesse esse é… essa distração mesmo, não sei, eu acho que estariam muito depressivas, muitas ficam depressivas, né, é… caladas, acamadas, então essa terapia é uma alternativa pra elas pra… descontrair mesmo, sair daquela… do mundo deles, né, de… vamos falar assim, de doença pra uma qualidade melhor de saúde mesmo. Eu acho que isso contribui mesmo na melhoria da… da recuperação deles aqui dentro. (Pipa)
>
> Nesse caso, o brinquedo, o brincar, eu acho que faz com que a cabeça da criança se disperse um pouco dessa rotina de hospital, e eu acho que isso ajuda a contribuir na… contribui com certeza na recuperação. (Bola)

Nesse contexto, Sabino et al. [18] afirmam que o brincar faz com que o paciente pediátrico esqueça o local em que se encontra por um momento, minimizando o estresse imposto pelo adoecimento e hospitalização, contribuindo em uma maior adesão ao tratamento pela criança e, consequentemente, no seu processo de recuperação. Assim, percebe-se que o brincar exerce influência no tratamento e recuperação do paciente pediátrico à medida que, durante essa atividade, a criança se sente mais livre, experimenta o prazer do brincar e vivencia o resgate da sua infância dentro do ambiente hospitalar [3]. Essa relação entre o brincar, tratamento e a recuperação também foi relatada pelas enfermeiras entrevistadas, como pode ser verificado a seguir:

> eu acho a brinquedoteca daqui bem completa porque tem mesinha, tem é… revistinha pra colorir, então a criança quando tá lá ela esquece do tratamento, esquece que tá passando por um momento complicado, esquece que tá no hospital, e isso ajuda no processo né, no processo de cura, no processo de tratamento e… faz com que a criança até fique menos aqui, né, ou então ache menos doloroso né, tenha aquele, menos trauma. (Patinete)
>
> Mas aquelas mães que cantam com as crianças, que coloca celularzinho com as músicas, você percebe que é uma criança melhor, recebe melhor o tratamento, melhora mais rápido, é outra coisa. (Barbie)
>
> Eu acho que o brinquedo terapêutico é importante nessa fase de recuperação porque traz mais liberdade também pra criança, dela se expressar, dela agir, é… a questão, como eu te falei antes, da interação. Então eu acho que a criança se sente em um ambiente, se sentindo à vontade dentro de um determinado ambiente, sentindo-se acolhida de uma certa forma. (Carrinho)

A alegria e melhora do humor proporcionadas à criança durante a brincadeira também podem contribuir positivamente com a resposta do organismo à doença. Essa contribuição pode ocorrer tanto no que se refere aos mecanismos biológicos, por meio da atuação de hormônios e melhora do sistema imune, como aos mecanismos

psicológicos [6]. Assim, o bem estar proveniente do brincar pode trazer repercussões positivas no que se refere à reação do organismo da criança à doença, como relatado pelas enfermeiras a seguir:

> por interferir na… na internação pra melhor, por ajudar que a criança se recupere mais rápido, por deixar o ambiente mais tranquilo, mais leve, mais alegre, né, e todo mundo ganha, a gente trabalha mais satisfeito, né, por o ambiente tá melhor e a criança se recupera mais rápido por conta do que isso causa, né, de… relação a hormônios e tudo que vai ativar nosso cérebro, nosso corpo, pra que a gente crie imunidade e melhore mais rápido. (Barbie)

> Eu considero que [o brincar] está ligado à assistência, porque contribui para o tratamento do paciente no sentido psicológico, talvez não no físico da doença em si, mas automaticamente quando o psicológico tá bem, o físico vai melhorando, eu acredito cegamente nisso. Se a cabeça não tá boa, seu corpo não vai responder tanto. (Bola)

Castro et al. [6], em concordância com essa proposição, concluem que, durante a hospitalização, os benefícios proporcionados pelas atividades lúdicas, dentre os quais se destacam a melhora do humor, redução da ansiedade, aumento do apetite e adesão ao tratamento, geram uma modificação fisiológica que favorece o aumento na imunidade da criança e, consequentemente, a melhora do seu quadro geral.

- O brincar e o brinquedo terapêutico como ferramentas da assistência de enfermagem

Ribeiro, Almeida e Borba [15] apontam o brincar e o brinquedo como técnicas a serem utilizadas na assistência de enfermagem como meio de comunicação e relacionamento entre a enfermeira e o paciente pediátrico. Dessa forma, o profissional pode dar explicações à criança e receber informações dela acerca do significado das situações que tem vivenciado, sendo possível, assim, traçar metas da assistência de enfermagem adequadas àquele paciente. A comunicação e o relacionamento desenvolvidos entre a enfermeira e o paciente pediátrico, por meio do brincar, corroboram para a criação de vínculo e confiança da criança no profissional, auxiliando assim a assistência de enfermagem, como relatam algumas das enfermeiras entrevistadas:

> Porque eu acho que pra a gente chegar na criança, se a gente for nessa forma mais lúdica, consegue mais fácil. (Boneca)

Práticas e Cuidado:
Revista de Saúde Coletiva
ISSN: 2675-7591

ARTIGO (Fluxo contínuo)

> No interagir, você aprofunda os laços com a criança, cria confiança da criança, pega confiança da criança mais do que um simples… fazer uma visita e perguntar o nome, se fez xixi, cocô, se tá bem, se dormiu bem, então é muito mais do que isso. (Bola)

> Porque como ela vai tá vendo também aquele profissional durante um longo período, então ela pode também acabar associando "ah não, ali é a enfermeira que brincou comigo naquele dia", então talvez até pra fazer algum tipo de manipulação, de administração de medicamento, a criança pode sentir até mais segura porque passou por esse processo também né, essa quebra mais de… de assistência, não ficou só focado em questão de tá ali fazendo manipulação, administrando medicamento. (Carrinho)

De acordo com Claus et al. [19], a enfermeira deve reconhecer o brincar e o brinquedo como recursos de aproximação e considerá-los meios para o surgimento do diálogo entre o profissional e a criança. Dessa forma, segundo os autores, espera-se que a enfermeira se movimente em direção ao paciente pediátrico em uma perspectiva lúdica, e não restrinja a assistência de enfermagem à realização de procedimentos e atividades técnicas que podem limitar a interação e construção de vínculo com a criança. Do mesmo modo, Ribeiro, Almeida e Borba [15] afirmam que a participação da enfermeira no brincar é essencial para que o menor estabeleça uma relação de confiança e amizade com o profissional e não o associe apenas a procedimentos dolorosos e desagradáveis.

Nesse contexto, o envolvimento da enfermeira no brincar com a criança hospitalizada possibilita a transformação da imagem criada pelo menor do profissional responsável por causar dor ou incômodo para uma imagem mais positiva, de alguém amigável em quem pode confiar. Além disso, as enfermeiras relataram que esse brincar não ocorre apenas em momentos livres ou na brinquedoteca, mas também durante a realização de procedimentos, a fim de distrair a criança e facilitar a sua aceitação ao procedimento. Assim, o vínculo gerado entre profissional-paciente e o momento lúdico que são proporcionados por meio do brincar facilitam a assistência de enfermagem a ser prestada, como pode ser percebido nas falas abaixo:

> mas é o que a gente tem, luva… a gente enche, é… uma gazezinha, a gente vai utilizando assim, vai criando algumas coisas assim pra distrair a criança naquele momento do procedimento. (Pipa)

> Mas quando se trata de um curativo, você vai lá explica "ó, vou fazer dessa forma, quer ver? Pegue sua bonequinha aí", a gente tenta mostrar na bonequinha como é que faz, então eles aceitam melhor, porque veem como vai ser feito nelas. (Bola)

Práticas e Cuidado:
Revista de Saúde Coletiva
ISSN: 2675-7591

ARTIGO (Fluxo contínuo)

> Aí eu sempre deixo ela brincando com o carimbo, às vezes tem um...um álcool que é um formato de um bichinho, deixo ela brincando com o álcool, tudo ali enquanto eu tô fazendo o procedimento, pra poder que ela… pra que ela fique distraída, né. Isso auxilia até o processo, que a criança, quando ela se assusta, ela chora muito, grita muito, então fica tudo mais difícil né, a mãe também fica logo nervosa, não quer deixar, então eu sempre gosto de colocar alguma coisa pra distrair mesmo a criança pra poder deixar fazer o procedimento mais rápido até, né. (Patinete)

> Eu acho que o brincar sempre ajuda em qualquer meio, tanto a gente fica mais leve como a criança, você consegue fluir mais seu procedimento, às vezes até de forma mais rápida, então você precisa realmente ficar...fazer rápido aquilo ali que a criança não solta, quando você consegue fazer sem que ela chore, sem que ela crie resistência, você faz mais rápido, melhor do que ter que repetir... às vezes você faz e não fica direito porque a criança chorou, esperneou e quando você faz um procedimento assim mais... envolvendo brincar ou com uma atividade que a criança não se estresse tanto, com certeza influencia o nosso trabalho. (Barbie)

Esse brincar, por sua vez, deve ser realizado não apenas de forma livre, mas também como uma ferramenta através da qual o profissional pode explicar à criança, em uma linguagem acessível, a sua condição e os procedimentos que serão realizados. A utilização do brincar como uma ferramenta na assistência de enfermagem se dá por meio do brinquedo terapêutico, que se constitui em um brinquedo estruturado, utilizado como um instrumento de cuidado da enfermagem às crianças hospitalizadas, o qual auxilia na minimização das tensões oriundas da internação e mudança de ambiente vivenciados pela criança, além de melhorar a compreensão do paciente pediátrico quanto aos cuidados a serem realizados, estabelecer comunicação e relacionamento com a criança bem como prepará-la para os procedimentos [2]. Entretanto, nesse estudo, a partir das falas mencionadas acima, percebe-se que, embora as enfermeiras tentem inserir o brincar na sua rotina profissional, elas o fazem improvisando materiais para isso, pois não dispõem de recurso material específico para tal atividade, de modo que o brinquedo terapêutico em si não é utilizado de forma frequente pelas profissionais.

O relato das enfermeiras entrevistadas ratifica o que é discutido na literatura acerca do brincar da enfermeira com o paciente pediátrico. Assim, pode-se afirmar que esse brincar gera confiança da criança no profissional, facilitando a comunicação entre eles, bem como possibilitando que a enfermeira possa entender os anseios do paciente e proporcione uma assistência assertiva. Além disso, à medida que o profissional e a criança se relacionam por meio da brincadeira, o paciente pediátrico se sente mais seguro e permite que esse profissional realize os procedimentos necessários ainda que sejam dolorosos ou desagradáveis.

- Desafios do brincar para a enfermeira na assistência à criança hospitalizada

Embora o ambiente hospitalar frequentemente esteja associado a doenças, a busca da cura e, no que se refere à criança, seja considerado um espaço inadequado ao desenvolvimento infantil, a possibilidade do brincar dentro do hospital pode trazer uma perspectiva diferente acerca desse ambiente [13]. De modo geral, as enfermeiras consideram que o brincar contribui com o tratamento e a recuperação da criança. Entretanto, ao discutir acerca do envolvimento dessas profissionais no momento do brincar, é preciso considerar também a excessiva demanda de trabalho a qual, muitas vezes, elas estão submetidas. Essa questão foi apontada pelas entrevistadas como um fator limitante da participação da enfermeira no brincar, como é retratado nas falas a seguir:

> [...] a enfermagem hoje aqui ela não tem essa disponibilidade de estar brincando com né, por conta das outras atividades pertinentes a profissão que termina ficando como prioridade. (Boneca)
>
> [...] a enfermagem, como eu falei, não tem tanto… né, tempo pra interagir dessa forma, a parte de brincar com a criança. (Bola)
>
> [...] então a demanda é muito grande, a gente não tem tempo. São 10 curativos, 8 curativos na enfermaria, são passagem de sonda, raio X, exames pra às vezes encaminhar paciente, fora as intercorrências, então não tem como a gente parar um tempo para, é… fazer essa atividade, entendeu? Então, se fosse mais profissionais né, com…. vamos dizer, 3, 4 pacientes daria uma assistência e daria também pra se fazer esse...essa dinâmica. (Pipa)
>
> A gente não faz muito essas coisas porque é realmente uma enfermaria trabalhosa, a gente não para e às vezes não tem tempo para você fazer essas coisas e às vezes não tem pronto, não tem onde guardar, várias coisas, né que vai atrapalhando. (Barbie)
>
> A dificuldade é a questão do tempo, como eu falei, que realmente é muito corrido. (Carrinho)
>
> [...] por causa das atribuições, 'N' coisas que a gente tem que fazer, nem sempre a gente consegue tá presente nesses momentos, porque além da demanda assistencial tem uma demanda administrativa que também não é pequena, então nem sempre a gente vai poder estar presente nesses momentos, mas acho importante, porque é... a gente tá acompanhando a criança. (Patinete)

Embora as enfermeiras precisem priorizar as atividades administrativas e os procedimentos a serem realizados, deve-se considerar que o brincar constitui-se como parte do tratamento terapêutico do paciente pediátrico, de modo a contribuir

com a continuidade do seu desenvolvimento além de facilitar a assistência à criança por meio da compreensão dos procedimentos, alívio da dor e confiança gerada no profissional pela criança. Desse modo, o brincar e principalmente o uso do brinquedo terapêutico, como uma ferramenta da enfermagem não podem ser excluídos do cuidado prestado à criança [19]. Entretanto, para que o brincar esteja associado à atuação da enfermeira sem gerar um aumento da sua demanda de trabalho, é necessário haver um planejamento de escala que corresponda corretamente às atividades desempenhadas pela enfermeira na unidade pediátrica, incluindo a brinquedoterapia na assistência. Essa é uma necessidade que também foi apontada pelas entrevistadas:

> eu acho que a grande questão hoje aqui no hospital com relação ao brincar é a parte de recursos humanos mesmo. (Boneca)
>
> Não existe implantado na unidade na assistência de enfermagem aqui, nesse hospital, aqui nessa pediatria. Então isso, isso dificulta, porque o enfermeiro quando entra... nem na faculdade eu via isso, o processo de brincar com o paciente. (Bola)
>
> Ah, eu nem sei, viu… eu acho que se tivesse uma programação, talvez facilitasse. Eu vou até pensar nisso, vou aproveitar o seu gancho aí pra pensar em alguma coisa assim, um dia da semana. (Barbie)
>
> Então eu acho que falta é isso mesmo, eu acho que se tivesse um… um planejamento, tivesse um dimensionamento de pessoa… de profissionais, né, pra quantidade de pacientes que nós temos aí, eu acho que daria pra a gente ter até um… uma resposta positiva, mais positiva. (Pipa)
>
> Mas o problema é encaixar isso dentro da rotina, que realmente fica um pouco complicado porque é muito agitado, muito agitado, são vários procedimentos assim ao longo do dia, e não são só procedimentos técnicos, são procedimentos também administrativos, então é muita coisa, e aí talvez pra encaixar tivesse que estudar realmente uma possibilidade, como é que seria isso, em qual momento e se o envolvimento dos profissionais seria por completo, ou só aquele que tivesse prestando cuidado ali naquela hora, entendeu? O problema é justamente esse: “O tempo”. (Carrinho)

Além da pouca disponibilidade de tempo, outro fator limitante relatado pelas enfermeiras foi o desconhecimento acerca de como utilizar o brinquedo terapêutico e a dificuldade do acesso delas à brinquedoteca para dispor dos brinquedos, bem como a falta de recurso próprio da enfermagem para o brincar com a criança:

> a formação desses profissionais, a gente tem muitos profissionais que não são de pediatria, então assim, quando você tem… você nota a diferença disso, quando você tem um profissional que ele já é, já tem uma formação específica para pediatria os olhares são totalmente diferentes e você tem aquele que não é e que vai aprender com as experiências que tá passando, então, a formação é um outro ponto importante, tá? Pediatria tem que gostar. (Boneca)

> A nossa formação de enfermeiro não tem isso, embora nossa legislação diga que é pra fazer, mas ninguém nunca em faculdade chamou: "ó, vamos brincar", explicar como é que se faz brinquedoterapia no hospital, não existe. (Bola)
>
> Brinquedo num… brinquedo quase nunca, né, porque a gente não tem brinquedo disponível pra ficar… na brinquedoteca é fechado. O que a gente usa muito é luva, a gente enche uma luvinha, né, bota um rostinho pra animar, pra distrair. (Pipa)
>
> Dificuldade é só essa mesmo, o acesso aos brinquedos mesmo, sem que a gente tenha que comprar, sem que a gente tenha que fazer, entendeu? Aí era melhor, o acesso a brinquedoteca. (Barbie)
>
> A dificuldade é que a gente não tem muita opção de brinquedo né. Não, a gente não tem brinquedo. A equipe de enfermagem não tem. (Patinete)

Como alternativa a essas dificuldades relacionadas à falta de recurso para o brincar junto à criança, as enfermeiras utilizam o brinquedo do próprio paciente ou transformam em brinquedo materiais que estão disponíveis na enfermaria. Além disso, a própria disposição e criatividade da profissional, bem como a existência de algumas enfermeiras especialistas na área de pediatria, foram apontadas como facilitadores do brincar durante a assistência de enfermagem:

> [...] uma outra facilidade que entrou como dificuldade, mas que também entra como facilidade quando você as tem, esses profissionais que eles são… que eles têm essa formação, isso também facilita com que esse desenvolvimento seja mais efetivo no serviço. Quando você tem profissionais de enfermagem com essa qualificação, isso também ajuda muito. (Boneca)
>
> Ah, eu sou brincalhona, eu brinco de qualquer forma, a criança me dando espaço, eu brinco. Sou brincalhona, danço… mas é… tudo válido, eu acho que é tudo válido, eu acho que a gente tá aqui é pra… é uma assistência humanizada né, então… tudo que, pelo menos eu falo por mim, tudo que eu possa, que eu puder fazer pra melhorar aquela qualidade de assistência. (Pipa)
>
> A facilidade é que a gente por ser, assim, a gente conta muito com as mães também, às vezes as mães têm os próprios brinquedinhos que, de certa forma, ajuda a gente, e é isso. (Patinete)

Embora parte das enfermeiras considerem o fato de algumas crianças terem o seu próprio brinquedo no leito como uma facilidade para o brincar durante a assistência, assim como a criatividade e disposição das profissionais em improvisar brinquedos com outros materiais, tais como luva, gaze e outros, estes fatores, na verdade, se configuram como estratégias, e não facilidades desenvolvidas por elas para exercer essa atividade no momento da assistência.

As enfermeiras compreendem o brincar como parte do processo terapêutico da criança e consideram importante que a profissional esteja envolvida também nessa atividade. Entretanto, apesar das estratégias encontradas por essas profissionais e da existência da brinquedoteca facilitar que a criança tenha o momento de brincar, a sobrecarga de trabalho, a pouca disponibilidade de tempo, a falta de recursos e o desconhecimento da técnica do brinquedo terapêutico são fatores que dificultam e limitam esse envolvimento.

A instalação da brinquedoteca hospitalar constitui um avanço para o cuidado da criança hospitalizada e a inserção da enfermeira nesse ambiente pode repercutir positivamente na assistência prestada ao menor. Todavia, mais importante que a participação na brinquedoteca, é a utilização da técnica do brinquedo terapêutico pela enfermeira, uma vez que essa atividade é prevista à equipe de enfermagem em resolução do Cofen e contribui com a assistência à criança. Assim, faz-se necessário o desenvolvimento de estudos que discutam sobre as possibilidades e os meios para implementação dessa técnica na atuação da enfermeira dentro das unidades pediátricas a fim de que sejam traçados caminhos para a utilização efetiva do brinquedo terapêutico por essa profissional.

À vista disso, sugere-se a realização de cursos teórico-práticos para capacitação das profissionais sobre a utilização do brinquedo terapêutico assim como a implementação gradual dessa técnica na rotina da unidade e o dimensionamento de pessoal de modo apropriado. Além disso, conhecer o modo de brincar no hospital e os desafios encontrados pelas enfermeiras na inserção dessa atividade configura-se um fator importante para o desenvolvimento de uma assistência lúdica e humanizada que reflete diretamente no cuidado à criança, no enfrentamento do tratamento pelo paciente pediátrico e sua recuperação.

CONCLUSÃO

O brincar é uma atividade essencial para a criança, cujo significado está além de um simples entretenimento, relacionando-se com seu desenvolvimento, seu modo de comunicação e a expressão de suas emoções. Dessa forma, percebe-se que o brincar contribui com a assistência à criança à medida que essa atividade possibilita o estabelecimento de vínculo entre enfermeira-criança e a reaproxima da sua realidade enquanto está hospitalizada.

Por meio da realização do estudo, foi possível descrever que o brincar no hospital ocorre por meio da recreação na brinquedoteca e das interações dos profissionais com a criança à beira do leito. Identificou-se também a importância da brinquedoteca para a criança hospitalizada como um espaço de ludicidade e interação entre as crianças, além de descrever como o brincar e o brinquedo terapêutico auxiliam no tratamento e recuperação do paciente pediátrico através do vínculo gerado com a enfermeira, melhor compreensão do tratamento e aceitação da realização dos procedimentos.

Foram identificadas as dificuldades do brincar na assistência à criança, destacando-se a falta de tempo e a ausência de capacitação profissional quanto ao uso do brinquedo terapêutico como principais dificuldades. No entanto, embora a existência de uma brinquedoteca se configure como uma facilidade para o brincar da criança, não foram identificadas facilidades para o brincar com a participação da enfermeira na assistência. Apesar disso, foram percebidas estratégias para lidar com os desafios desse brincar, como a criatividade das enfermeiras em utilizar materiais como luvas ou brinquedos da criança durante a assistência para distrair e interagir com o paciente pediátrico. Nesse sentido, o estudo contribui para o fortalecimento da percepção pelas enfermeiras acerca da importância do brincar para a criança hospitalizada, da utilização do brinquedo terapêutico e da necessidade de estratégias para que essas profissionais incluam o brincar em sua prática assistencial de forma assertiva.

REFERÊNCIAS

1. Carvalho AM, Begnis JG. Brincar em unidades de atendimento pediátrico: aplicações e perspectivas. Psicol. Estud. 2006; 11(1): 109-117. https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000100013

2. Jansen MF, Santos RM, Favero L. Benefícios da utilização do brinquedo durante o cuidado de enfermagem prestado à criança hospitalizada. Rev. Gaúcha Enferm. 2010; 31(2): 247-53. https://doi.org/10.1590/S1983-14472010000200007

3. Hockenberry MJ, Wilson D. Wong: Fundamentos da Enfermagem Pediátrica. 9 ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2014.

4. Fonseca AS. Enfermagem pediátrica. São Paulo: Martinari; 2013.

5. Oliveira JD, Miranda MLF, Monteiro MFV, Almeida VCF. O brincar e a criança hospitalizada: visão de enfermeiras. Rev. baiana enferm. 2016; 30(4): 1-8. https://doi.org/10.18471/rbe.v30i4.16414

6. Castro DP, Andrade CUB, Luiz E, Mendes M, Barbosa D, Santos LHG. Brincar como instrumento terapêutico. Pediatria. 2010; 32(4): 246-254. Disponível em: http://www.pediatriasaopaulo.usp.br/upload/pdf/1360.pdf

7. Monteiro LS, Corrêa VAC. Reflexões sobre o brincar, a brinquedoteca e o processo de hospitalização. Rev. para. med. 2012; 26(3). https://docs.bvsalud.org/upload/S/0101-5907/2012/v26n3/a3321.pdf

8. Brasil. Lei nº 11.104, de 21 de Março de 2005. Brasília, DF; 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2011.104%2C%20DE%2021,pedi%C3%A1trico%20em%20regime%20de%20interna%C3%A7%C3%A3o

9. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução n. 546/2017. Revoga a Resolução Cofen nº 295/2004 que dispõe sobre a utilização da técnica do brinquedo/brinquedo terapêutico pelo enfermeiro na assistência prestada à criança hospitalizada. Brasília, DF: COFEN; 2017. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-05462017_52036.html

10. Ribeiro CA, Borba RIH, Rezende MA. O brinquedo na assistência à saúde da criança. In: Fujimori E, Ohara CVS, organizadores. Enfermagem e a Saúde da Criança na Atenção Básica. Barueri: Manole; 2009. Cap 13.

11. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2011.

12. Kudo AM, Zimmermann JSO, Yamamoto MS. Resgate da dimensão humana no hospital: o paciente, a família e o profissional da saúde. In: Pavani SAL. Enfermagem pediátrica e neonatal. Barueri: Manole; 2020. Cap. 1.

13. Melo LL, Valle ERM. Brinquedoteca hospitalar. In: Almeida FA, Sabatés AL. Enfermagem Pediátrica: a Criança, o Adolescente e sua Família no Hospital. Barueri: Manole; 2008. Cap. 7.

14. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (BR). Resolução nº 41, de 13 de Outubro de 1995. Brasília: Diário Oficial da União, 17 Out. 1995. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/resolucao-n-41-de-13-de-outubro-de-1995/#:~:text=1.,econ%C3%B4mica%2C%20ra%C3%A7a%20ou%20cren%C3%A7a%20religiosa>. Acesso em: 05 de Novembro de 2021.

15. Ribeiro CA, Almeida FA, Borba RIH. A criança e o brinquedo no hospital. In: Almeida FA, Sabatés AL. Enfermagem Pediátrica: a Criança, o Adolescente e sua Família no Hospital. Barueri: Manole; 2008. Cap. 8.

16. Bernardi D. Reflexões acerca do brincar e seu lugar no infantil. Rev. bras. psicoter. 2016; 18(1): 82-92. Disponível em: https://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=192

17. Nunes CJRR, Rabelo HD, Falcão DP, Picanço MRA. A importância da brinquedoteca hospitalar e da Terapia Ocupacional sob a óptica da equipe de enfermagem de um hospital público do Distrito Federal. Cad. Ter. Ocup. 2013; 21(3): 505-510. https://doi.org/10.4322/cto.2013.052

18. Sabino AS, Esteves AVF, Oliveira APP, Silva MVG. O conhecimento dos pais quanto ao processo do cuidar por meio do brincar. Cogitare Enferm. 2018; 23(2). https://doi.org/10.5380/ce.v23i2.52849

19. Claus MIS, Maia EBS, Oliveira AIB, Ramos AL, Dias PLM, Wernet M. A inserção do brincar e brinquedo nas práticas de enfermagem pediátrica: pesquisa convergente assistencial. Esc. Anna Nery. 2021; 25(3): 1-9. https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0383